

## ORDO AMORIS

Vamireh Chacon  
UnB — Brasília

**E**xiste a epistemologia da *sapientia cordis*. Pascal mostrou muito bem como a razão tem razões que a própria razão desconhece. Depois dele virá não só a intuição da qual Bergson se encarregará de explicar, muito antes coube a Kant definir o imperativo categórico da razão prática. Antecedidos pelo Agostinho santo de *ego dico in corde vero quod scio*.

Mas o fenomenismo kantiano da incapacidade da razão entender as essências, coisa-em-si, acessíveis ao conhecimento apenas os fenômenos, já uma grande tarefa, o fenomenismo é insuficiente aos olhos da fenomenologia, mais uma utopia racionalista. Expressivo e sintomático o seu itinerário.

Edmund Husserl começara com a dissertação doutoral em Matemática, *Contribuição ao Cálculo das Variações*, em seguida a tese de habilitação à livre-docência *Sobre o Conceito de Número*, depois até uma *Filosofia da Aritmética*. Mas Husserl preferiu não seguir um caminho análogo ao de Bertrand Russell e Alfred North Whitehead com os *Principia Mathematica*. É que Husserl logo percebeu a insuficiência do quantitativo, embora mantendo o mesmo rigor analítico nas suas seguintes análises qualitativas, ao contrário do posterior humanismo difuso de Russel e Whitehead. Franz Brentano, nada menos que um escolástico, um aristotélico, substituiu Bernhard Bolzano professor de Matemática, como orientador de Husserl na Universidade de Viena de princípios do século XX.

Brentano começou revelando-lhe a dimensão da intencionalidade do raciocínio: toda consciência de um objeto e todo objeto conhecido é objeto de uma consciência, o *a priori* da correlação universal. E correlação em modos e maneiras diferentes conforme as consciências e os objetos. O que parecia óbvio era, porém, uma retomada de caminho em meio ao paralisante porque satisfeito auto-suficiente cientificismo positivista da época.

A intencional intersubjetividade evitaria o solipsismo. O *cogito* cartesiano seria insuficiente, há muitos seres humanos há muito tempo antes de nós, esclarecendo-nos, preparando-nos. O homem é um ser-com-outros, *Mit-sein* levado adiante por Heidegger diante da objeção de Sartre: "A essência das relações entre consciências não é o *Mitsein*, é o conflito".

Dilema em parte resolvido pelo pós-moderno Jean-François Lyotard: "a investigação sociológica dirige-se não às modalidades reais do *Mitsein*, mas ao que dessas modalidades pensam as individualidades sondadas".

Aí, na cisão entre razão teórica e razão prática também em Husserl, o descritivismo fenomenológico, mesmo com a ampliação social do eu pensante, expressa-se no final das contas como mais uma busca da apodicidade. Donde Merleau-Ponty concluir que "o maior ensinamento da redução é a impossibilidade de uma redução completa". O impasse tem de ser resolvido mais uma vez pela vida em si, "a vida tira sua vida do seu próprio fundo e jorra do seu próprio ser", já o dizia e demonstrava-o Mestre Eckhart desde a Idade Média.

Coube a Max Scheler ir muito adiante de Edmund Husserl na crítica ao *a priori* formal em obra contundentemente intitulada *O Formalismo na Ética e a Ética Material dos Valores*. As contribuições da intuição e da experiência para isso têm de ver-se consideravelmente alargadas e aprofundadas. Para Scheler, no ensaio historiográfico de idéias *A filosofia Alemã no Presente*, a diferenciação escolástica entre essência e existência deve ser preferida à kantiana entre essência e aparência, um dos ecos das lições de Brentano a Husserl. Mas acrescenta-lhes Scheler tomando novo rumo, não só intelectualmente a essência deve ser perquirida vitalmente em concreto a existência, além de abstratamente. Scheler não vacila nas *Tentativas de uma Filosofia da Vida* em recorrer a Nietzsche, Dilthey e Bergson, rumo a uma fenomenologia dos sentimentos em *Essência e Formas da Simpatia*, após a fenomenologia ideal husserliana.

Na linha do *Mitsein*, ser-com em suas últimas conseqüências afetivas, Scheler vai ao *Mitgefühl*, sentir-com a com-paixão do

*Mitleid*, no alemão *Leidenschaft* a paixão provém da dor. Condição concreta, não o *Nach-fühlen*, sentir-se após César como se fosse César, uma “mímica” ou “pantomima” do real vital. Assim Scheler, mais fundo que Karl Jaspers e Max Weber, marca a fogo com paixão, adiante da própria com-paixão, a introjecção vitalista.

Daí a maior fenomenologia scheleriana dos sentimentos, *Ordo Amoris*, por extenso: *Significação Normativa a Descritiva do Ordo Amoris*, “problema central de toda Ética”: “O cerne mais fundamental deste *ethos* é a ordem do amor e do ódio”. “O ser humano é um *ens amans*, antes de um *ens cogitans* ou *ens volens*”. Scheler não teme recorrer a Bossuet: “O ódio, que alguém sente contra uma coisa qualquer, vem apenas do amor por outra coisa; odeio a enfermidade porque amo a saúde”. Projeção da inexistência autônoma do mal, ausência do bem segundo Santo Agostinho.

Até a Pascal acrescenta Max Scheler as razões desconhecidas pela razão como as cores invisíveis para os cegos, os sons imperceptíveis para os surdos. “Correção”, sentimento fenomenologicamente descritível com rigor, *Inbegriff*, idéia recôndita, instinto da verdade inscrito no mais íntimo do ser humano aqui como Kant vislumbrou, mais visto por Scheler como “um mundo tão vasto, tão poderoso, tão rico, tão harmônico, tão deslumbrantemente claro quanto o da Astronomia Matemática...” Daí um jovem sacerdote, Karol Wojtila, em primeiro doutoramento, o de Filosofia na polonesa Universidade Católica de Lublin, com a tese *Indagações sobre a Possibilidade de construir a Ética cristã sobre as Bases do Sistema de Max Scheler*, concluir, muito antes de tornar-se Papa João Paulo II, tratar-se o schelerismo de um emocionalismo buscando bastar-se a si mesmo. O próprio Scheler acabaria vítima disso.

Na sua última obra, impressionante como quase tudo que escreveu, senão ainda mais, *A Situação do Homem no Cosmo*, Scheler leva o vitalismo aos extremos do panteísmo naturalista, embora sempre marcado pela existencialidade agônica que faz falta ao racio vitalismo de Ortega y Gasset e sobre a ibericamente em Unamuno.

Em *A Situação do Homem no Cosmo*, Scheler teme a desordem final também no homem, “é o caos que paira por trás da lei formal mecânica”; “o mais poderoso, que existe no mundo, são os centros dinâmicos do mundo inorgânico como mais baixo fulcro destes impulsos, ‘cegos’ às formas ideais”, “forças que brotam das esferas vitais dos impulsos humanos”, imprevisíveis

e incontrolláveis além do que até Freud e a Psicanálise imaginaram, uma espécie de desencadeadas energias tectônicas do *id* atropelando o super-ego, instintos fora do domínio da cultura, de qualquer cultura: "É impossível (...) uma luta *direta* da pura vontade contra a força das pulsões". "Temos, então, uma antropologia filosófica e uma antropologia teológica que não cuidam de entender-se — *não dispomos de uma idéia unitária do homem*". "o homem é uma incógnita que pode comportar-se 'aberto-ao-mundo' em escala ilimitada".

É que "o ser humano pode sempre ser *menos* ou *mais* que um animal; nunca, porém, um animal". O contraste e o conflito não são entre corpo e alma e sim entre espírito e vida, a História o seu embate. Cá estamos de volta ao eterno tema fáustico, qual o mais importante, conhecer ou viver, tema existencial imerso no tema ontológico hegeliano: qual o maior, qual o mais abrangente, o ideal ou o real? ...

Edith Stein e Martin Buber cortaram este nó górdio com a fé. Max Scheler morre apegado à grandeza, mas também à miséria da Filosofia: "Dizem-me, e com efeito me tem dito, que não é possível ao homem trazer em si um incompleto Deus em vir-a-ser. Minha resposta a isso é que a Metafísica não é nenhuma empresa de seguros para homens fracos, necessitados de amparo. Ela já pressupõe um poderoso e altaneiro sentido de homem".

Melhor que a conclusão de Scheler é, contudo, a de Peter Wust no belo, sintético e lamentavelmente pouco conhecido *Incerteza e Risco* de circulação principalmente no mundo cristão de língua alemã, livro de 1936, época terrível de preparação do nazismo para a Segunda Guerra Mundial em breve batendo às portas. Daqueles tempos, ainda mais dos seguintes, pôde Karl Jaspers dizer: "Uma atmosfera impregnada de perigos paira sobre o último século: o ser humano sente-se ameaçado".

Jaspers alegava que "o orgulho das idéias universais de hoje e a presunção (do homem) como senhor do mundo — que crê poder ajustá-lo segundo sua própria vontade como o verdadeiro e melhor — estendem-se a todos os limites, limites que se abrem para fazer sentir a pressão exercida por uma consciência de impotência". Wust respondia-lhe, e a Heidegger no quadro da filosofia existencial, que "o homem atual reconhece como um grandioso engano a orgulhosa fé autônoma do iluminismo".

Wust parte da intrínseca imprecisão (*Unstimmigkeit*) da vida humana, *insecuritas* humana que nos faz "intranquilos nômades" em "relativo equilíbrio", donde "a inconsistência de todos

os ordenamentos criados por nós". Ao contrário dos animais irracionais, animal *securum*, o animal racional humano é animal *insecurum*: de um lado a limitação e previsibilidade dos instintos puros; do outro a imprecisão e a imprevisibilidade, o risco permanente, a aventura do espírito como ameaça à paz da alma, temor maior de Ludwig Klages ... "No desamparo da sua dual existência devemos buscar a medula da sua *insecuritas*. "A consequência de tudo isto é que o ser humano, na situação em que hoje se encontra, é no fundo da sua essência um ser 'sem pátria"', *Homo Viator* no sentido também cristão de Gabriel Marcel, de volta à Casa por itinerários perigosos, cheios de riscos. "A *insecuritas* é o cenário do risco e da decisão". A filosofia da existência inclui o próprio decisionismo de Carl Schmitt, como o reconhecia Sartre nisto corajosamente.

Que sempre se combata "o escândalo absoluto" do "intelecto ímpio", conclui Peter Wust, im-piedade como ausência de compaixão, de co-existencialidade intensa e profundamente vivida, esta a fonte do pensamento realmente vívido.

Endereço do autor:  
Departamento de Ciências Política — UnB  
Cidade Universitária  
70910-900 — Brasília — DF